



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

HUDSON PANTOJA DA SILVA

**EDUCAÇÃO EM ESCOLA RIBEIRINHA DE ABAETETUBA: AFETIVIDADE COMO
CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM**

**Abaetetuba-Pará
2019**

HUDSON PANTOJA DA SILVA

EDUCAÇÃO EM ESCOLA RIBEIRINHA DE ABAETETUBA: AFETIVIDADE COMO
CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS), Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba.

Orientador: Prof. Dr. Dedral Brandão da Silva

Abaetetuba-Pará
2019

HUDSON PANTOJA DAS SILVA

EDUCAÇÃO EM ESCOLA RIBEIRINHA DE ABAETETUBA: AFETIVIDADE COMO
CONDIÇÃO DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a obtenção do
grau de licenciatura em Pedagogia, Faculdade
de Educação e Ciências Sociais (FAECS),
Universidade Federal do Pará – Campus
Abaetetuba.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof. Dr. Dedival Brandão da Silva
UFPA
Orientador

Prof. Dr. Vivian da Silva Lobato
UFPA
Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, pela minha vida e por me conceder força e saúde até o presente momento, sem Ele nada disso seria possível. Agradeço a meu avô Jorge da Luz Silva que foi meu maior incentivador, sempre acreditou e nunca desistiu de mim. Aos meus pais, que sempre estão ao meu lado em todas as circunstâncias, em especial quero agradecer a minha mãe Mariuza Pantoja da Silva, que tem me apoiado em todos os aspectos e projetos da minha vida. Quero agradecer também a minha amiga Janaina Pantoja de Almeida que muito me incentivou em todo esse processo. Aos meus amigos e colegas dos “Renegados” Niwmar Eloy de Lima Cardoso, Moizaquer Moraes Tavares, Mauricéia Rodrigues Barbosa, Marli Pantoja Basto e Marília Rodrigues que foram fundamentais em minha formação. A Faculdade (FAECS), na pessoa da Professora Vilma Nonato de Brício, ao Professor Jadson Gonçalves, coordenador do curso de Pedagogia, a todos os professores que contribuíram consideravelmente para minha formação. A meu orientador Dedral Brandão, pelo suporte que lhe coube, pelas correções, incentivos, por sua competência e seu indispensável apoio no desenvolvimento do presente trabalho. A Divisão de Acessibilidade, na pessoa da Coordenadora Professora M^a Madalena Silva da Silva e Leiliane Pantoja, que me deram suporte e apoio na construção deste trabalho. A todos os bolsistas da UFPA, em especial Kézia Anjos, Hernandes Pires, Ana Caroline. Assim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram presentes em minha formação, ajudando, incentivando, encorajando-me a não desistir. O meu muito obrigado, Deus abençoe a todos!

Resumo

O presente trabalho visa refletir sobre a importância e contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, destacando a necessidade de trazer para o ambiente escolar uma convivência agradável entre todos os que nele estão envolvidos, contribuindo para a formação integral da criança. Neste trabalho utilizaremos algumas concepções de afetividade e algumas considerações sobre Educação Infantil. Como fundamentação teórica nos embasamos em alguns teóricos relacionados ao assunto, como Vygotsky (1998), Piaget (1996), Monte-Serrat (2007), Davis e Oliveira (1994), Cazaux (1995), entre outros. Trata-se de um estudo qualitativo realizado por meio de observações de campo e entrevistas com os participantes da pesquisa. Os resultados do estudo mostraram que: 1- Ainda com existência de professores empenhados em dar uma aula para além da transmissão de conhecimentos científicos e que consideram importantes os conhecimentos culturais e regionais, nutou-se que ainda há muito por desenvolver em relação a esse viés educacional. 2- Não há como negar a ligação entre a afetividade e a aprendizagem, pois na escola a criança se relaciona, emocionalmente, com os todos os indivíduos que fazem parte do sistema de ensino/aprendizagem, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de resgatar este tema na ação pedagógica como facilitador do processo de ensino-aprendizagem. 3- Mesmo com todos os problemas que este estudo verificou, pode-se afirmar que é possível o estabelecimento de boas relações entre professor-aluno, escola-comunidade e aluno-aluno.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Afetividade. Aprendizagem. Ação Pedagógica.

Abstract

The present work aims to reflect on the importance and contribution of affectivity in the teaching-learning process, highlighting the need to bring to the school environment a pleasant coexistence among all those involved in it, contributing to the integral formation of the child. In this work we will use some conceptions of affectivity and some considerations about Early Childhood Education. As a theoretical basis, we rely on some theorists related to the subject, such as Vygotsky (1998), Piaget (1996), Monte-Serrat (2007), Davis and Oliveira (1994), Cazaux (1995), among others. This is a qualitative study conducted through field observations and interviews with the research participants. The results of the study showed that: 1- Although there are teachers who are committed to teaching beyond the transmission of scientific knowledge and who consider cultural and regional knowledge to be important, there is still much to be developed in relation to this bias educational. 2- There is no denying the connection between affectivity and learning, because in school the child relates emotionally to all the individuals who are part of the teaching / learning system, which leads us to reflect on the need to to rescue this theme in pedagogical action as a facilitator of the teaching-learning process. 3- Even with all the problems that this study verified, it can be affirmed that it is possible to establish good relations between teacher-student, school-community and student-student.

Keywords: Child Education. Affectivity. Learning. Pedagogical Action.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A ESCOLA COMO LUGAR DE EXPERIÊNCIAS.....	10
2.1. A apresentando e conhecendo a escola.....	10
2.2. Afetividade, onde se inicia?.....	12
2.3. A Afetividade na prática docente.....	14
2.4. Afeto e aprendizagem: uma relação interpessoal.....	19
3. AS INFLUÊNCIAS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA VALORIZAÇÃO DA AFETIVIDADE: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	23
3.1. Projeto Político Pedagógico.....	24
3.2. Hora Pedagógica.....	25
4. CAPÍTULO: O AFETO COMO FUNDAMENTO DE EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM.....	28
4.1. O afeto e a emoção na construção e aprendizagem da criança.....	28
4.2. A afetividade docente.....	30
4.3. Educação Infantil.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

A relação de afeto na educação infantil, tanto a de professor-aluno, quanto a de aluno-família e escola-comunidade sempre me inquietaram durante minha formação acadêmica. Sabemos que o estudo sobre afetividade requer uma intensa reflexão, apesar de ser um tema muito discutido, sempre tem algo novo a acrescentar nas discussões, no meu ponto de vista todo professor da Educação Infantil precisa conhecer o tema com propriedade, pois sua prática está muito ligada ao uso do afeto em sala de aula junto às crianças.

Nos dias atuais, problemas dentro das salas de aula como: indisciplinas, agressão física e verbal, estão sendo estudados como conceitos relacionados à falta de afetividade docente. O problema tem atingido dimensões cada vez mais crescentes que já se fala até de depressão infantil. Um professor que atua somente como mero transmissor de conteúdo, desconsiderando os conhecimentos já internalizados pelas crianças, certamente provocará efeitos desastrosos na aprendizagem das mesmas, uma vez que, ao desconsiderar a importância do afeto, contribuirá para a formação de indivíduos carentes de afeição.

O interesse pela temática surgiu das visitas feitas tanto nas escolas da cidade, quanto da zona rural do município de Abaetetuba. Neste contexto, vivenciei inúmeras situações que me instigaram o desejo de estudar mais profundamente a dimensão afetiva nos processos educativos. A princípio, a elaboração desta pesquisa partiu da tentativa de conhecer e entender as influências da afetividade na relação pedagógica, como instrumento facilitador de desenvolvimento cognitivo das crianças na educação. Contudo, minha pesquisa acabou tomando uma direção um pouco diferente ao perceber que, pesquisar uma escola ribeirinha poderia trazer um enriquecimento maior de dados para a pesquisa. O desafio foi ainda maior, pois é uma realidade diferente da qual estou acostumado, no entanto, as contribuições para minha formação foram maiores de que qualquer desafio da pesquisa.

Sendo assim, entendemos que o ambiente escolar é um universo de histórias, problemas, amigáveis, ou seja, são inúmeras experiências que cada um de nós passa dentro desse ambiente, seja como aluno, professor ou pesquisador. A pesquisa apresentada é resultado do trabalho de observação realizada na Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro no período de 05 de setembro a 05 de outubro 2018. O objetivo geral da pesquisa foi relatar as experiências realizadas na escola, observando a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor regente, contrapondo com o conhecimento teórico adquirido, compreendendo a forma como estão sendo desenvolvidas e sua relação com o contexto, bem

como resgatar os conhecimentos das construções das práticas educativas articulando à temática da afetividade, objetivando ainda analisar como é a interação entre professor e aluno, dos alunos entre si e com o ambiente no cotidiano escolar.

Para que a pesquisa transcorresse da forma desejada, procurei embasamento teórico para explicar os aspectos que fazem parte da afetividade e como podem contribuir para o desenvolvimento dos educandos. Busquei o referencial teórico de Vygotsky (1998), Piaget (1996), Monte-Serrat (2007), Davis e Oliveira (1994), Cazaux (1995) entre outros citados no texto por serem autores com grande colaboração nesse tema.

No primeiro capítulo iniciamos com a pesquisa de campo onde mostrei a realidade vivida na escola Nossa senhora do Perpétuo Socorro, localizada na comunidade do Rio Anequara, ilhas de Abaetetuba-PA. O foco de minha pesquisa está na afetividade no processo de ensino aprendizagem, para visualizar isto de uma forma mais clara, as observações e entrevistas foram muito importantes para melhor compreensão da relação teoria e prática.

No segundo capítulo comento sobre a importância do Projeto Político Pedagógico para a escola, haja vista que, esse documento é comparado por muitos como o “coração” da escola, pois o mesmo contempla a visão de professores, alunos, pais, comunidade e a parte administrativa da instituição, assim sendo, veremos como a afetividade está presente em todo esse processo.

No terceiro capítulo, discorremos sobre afetividade docente, mostrando a influência das emoções na saúde psíquica e a grande importância do estado emocional em que se encontram os nossos professores. E por último, refletimos sobre a educação infantil, buscando conceitos em autores e na legislação brasileira para entendermos mais a fundo como devemos agir e pensar essa modalidade, já que é responsável pelos primeiros passos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar.

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, utilizamos essa modalidade de pesquisa para obter dados e descrições detalhadas referentes ao objeto de estudo, com o intuito de compreender e analisar o tema proposto de forma crítica e objetiva. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio em uma das ilhas da cidade de Abaetetuba-Pará, onde realizei o diário de campo com observações e questionário em uma turma de 7º ano. As entrevistas foram dirigidas também às famílias e representante da comunidade local, além de observações específicas nas metodologias das educadoras da turma referida.

2. A ESCOLA COMO LUGAR DE EXPERIÊNCIAS

2.1. A apresentando e conhecendo a escola

Entendamos que o ambiente escolar é um universo de histórias, problemas, amizades, ou seja, são inúmeras experiências que cada um de nós passa dentro desse ambiente, seja como aluno, professor ou pesquisador. A pesquisa apresentada neste momento é resultado do trabalho de observação realizada na Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro no período de 05 de setembro a 05 de outubro 2018. O objetivo central da pesquisa foi relatar as experiências realizadas na escola, observando a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor regente, contrapondo com o conhecimento teórico adquirido, compreendendo a forma como estão sendo desenvolvidas e sua relação com o contexto, bem como resgatar os conhecimentos das construções das práticas educativas articulando à temática da afetividade, objetivando ainda analisar como é a interação entre professor e aluno, dos alunos entre si e com o ambiente no cotidiano escolar.

A Escola Municipal Nossa Senhora do Perpetuo Socorro está localizada no Rio Anequara zona rural de Abaetetuba, funciona como anexo da Escola Pedro Teixeira, localizada na sede do Município, e o acesso é somente pelo rio. A unidade foi construída especificamente para atender crianças de Educação infantil ao Ensino Fundamental menor, no entanto, atende as turmas do ensino fundamental maior, ensino médio e EJA, por conta da demanda e carência de escolas na localidade. Apesar de ser uma escola de pequeno porte, conta com espaços externo e interno bem amplo, mesmo a escola não tendo quadra de esportes, mas o espaço de recreação possibilita que as crianças corram e brinquem, existe no local também um jardim que as crianças mesmas cultivaram, a escola em si se encontra em boas condições para receber os alunos vindos de outros rios tais como Urucurí e Maracapucu.



Foto: Escola Nossa Senhora Perpetuo Socorro
Fonte: Hudson Pantoja

No mais, ainda dispõem de seis salas de aula que, a meu ver, são muito aconchegantes, algumas são enfeitadas de forma lúdica; conta ainda com dois banheiros: masculino e feminino; despensa; uma sala de diretoria; uma sala de informática e biblioteca (não funciona); não possui quadra de esporte devido à enchente das águas que alaga todo o quintal da instituição.

A merenda escolar é oferecida em apenas um momento das 9:00h às 9:30h. Todos os alunos merendam ao mesmo tempo, a merenda é servida no refeitório em pratos ou copos plásticos. A merenda escolar é adquirida com recursos do governo municipal.

Observei também que durante o intervalo a diretora liga a televisão para as crianças assistirem desenhos enquanto lancham, os que não assistem brincam ou fazem outras atividades recreativas, pude perceber que algumas crianças merendavam isoladas das outras, quando perguntei à professora responsável o por que isso ocorria, ela respondeu: “esses ai são mais quietinhos, não gostam muito de brincar com os colegas”, foi então que me questionei sobre o papel da escola, a mesma me pareceu pouco preocupada com o estado emocional das crianças, a única preocupação é a transmissão de conhecimento científico, porém, Almeida (1999) afirma que,

É muito comum ignorar a articulação entre o afetivo, o cognitivo e o motor nas atividades escolares. A escola não tem clareza de que, ao cumprir a função de transmissora de conhecimento, lida paralelamente com outros aspectos do desenvolvimento diretamente relacionados ao aspecto cognitivo. (ALMEIDA, 1999. p. 89)

São de suma importância as pesquisas que procurem compreender os professores, o que eles pensam a respeito da afetividade na Educação Infantil, como eles vivenciam essa afetividade na prática de sua sala de aula, se existem algum tipo de preocupação em planejar as aulas com essa temática e se eles observam benefícios no processo de ensino aprendizagem das crianças utilizando a afetividade como base.

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, utilizamos essa modalidade de pesquisa para obter dados e descrições detalhadas referentes ao objeto de estudo, com o intuito de compreender e analisar o tema proposto de forma crítica e objetiva. A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2004, p.27) se preocupa em dar respostas a questões particulares, com um nível de realidade que não se pode quantificar.



Foto: cozinha da escola
Fonte: Hudson Pantoja



Foto: espaço de recreação
Fonte: Hudson Pantoja



Foto: dos alunos na hora do lanche assistindo vídeo
Fonte: Hudson Pantoja



2.2. Afetividade, onde se inicia?

No dia cinco (quarta feira), as 06h:00m, já me encontrava no posto Milena (posto de venda de combustível que fica em frente à cidade de Abaetetuba) para organizar os materiais e repassar mais uma vez tudo que seria observado na pesquisa, enquanto esperava a embarcação que me levaria a escola, pude observar uma senhora que vendia café com leite e pão naquele lugar. O que me chamou a atenção nela foi a maneira como tratava as pessoas que passavam por lá, era sempre um “bom dia moço”, “tudo bem”, “gostaria de um cafezinho?”, e ainda completava falando: “esse é o melhor cafezinho da feira”, sempre com um sorriso no rosto, foi então que relacionei a cena com a minha pesquisa. Ora, aquela senhora estava cultivando o afeto, é justamente o que eu observaria na escola, foi então que resolvi começar a escrever as experiências da pesquisa, nesse exato momento, com esse ato de afeto que tanto me chamou a atenção. Exatamente às 06h:30m saí do posto de gasolina e percorri 40min até chegar à escola do Rio Anequara. Enquanto atravessávamos a baía pude observar diversos tipos de barcos navegando sobre o mar agitado do rio Matauíra. Como diz o

poeta: “*esse rio é minha rua*”. uma vez que, o principal e único meio de chegar até a escola é através do rio, os transportes mais utilizados pelos alunos são: o barco escolar, rabetas, rabudos, cascos etc. Os transportes são de boa qualidade, e os 179 alunos que estudam na escola utilizam-se de algum desses transportes anteriormente citados. Os professores utilizam uma voadeira particular todos os dias para chegarem até a escola.

Logo em meu primeiro contato foi possível perceber que a escola não tem diretor e sim uma responsável escolar por nome Sônia Ferreira, que é licenciada em pedagogia, são lhe asseguradas para o exercício dessa profissão 40 horas de trabalho semanais. Ela me recebeu muito bem, muito prestativa, demonstrando certa felicidade em ver que ainda há pesquisa nas escolas ribeirinhas e que um dia podem se converter em melhorias para aquela comunidade, ela me apresentou a escola e aos professores, que por sinal viemos todos na mesma lancha, todos os docentes vêm de Abaetetuba. Ainda nesse primeiro contato me permitiram visitar algumas salas que nos próximos dias seriam os locais onde ocorreriam as observações.

O período de observação realizado na escola foi uma etapa de extrema importância para o reconhecimento do local enquanto espaço físico; a familiarização com os alunos, professores e funcionários da escola; e a verificação dos recursos disponíveis para programar as aulas no período de coparticipação e principalmente no período da regência.

Já no outro dia o que muito me chamou atenção foi a chegada dos alunos na escola, eles começam a chegar a partir das 7: 00h da manhã e ficam na ponte esperando os professores, com a chegada dos docentes os alunos direcionam-se para as salas de aula. Essa cena pra mim foi muito interessante, pois, a relação desses alunos com os professores é muito próxima, esse tipo de coisas é difícil de acontecer hoje em dia, os alunos não respeitam mais seus professores, ameaçam, xingam, mas nessa escola ainda se cultiva a boa relação entre o mestre e o educando. Segundo Meira e Pillotto(2010);

O professor, como o artista, ou como o artista-professor, é um mostrador de afetos, um provocador de afetos. O afeto é o primeiro sinal de que o professor está se dando bem ou mal com o que acontece em sala de aula, com o que chega e sai dela, transmutando em valor para a vida pessoal e social. (MEIRA e PILLOTTO,2010. p. 11)

Observei, ainda, que as salas apesar de serem bem amplas e terem 04 (quatro) ventiladores de teto em cada uma, um quadro branco, 4 (quatro lâmpadas), as cadeiras são arrumadas em fileiras verticais e horizontais, possuem janelas grandes, mesmo assim as salas de aula não oferecem conforto adequado aos alunos, pois ao mesmo não podem usufruir dos ventiladores e das lâmpadas, esses equipamentos só funcionam com energia elétrica e

infelizmente a comunidade não é beneficiada com este serviço, a energia na escola é produzida através de um gerador que funciona com óleo diesel, e a escola não disponibiliza de todo esse recurso. Sabemos que a sala de aula constitui um ambiente de interação e aprendizado para a criança, dessa forma deve estar apta a propiciar estes processos. Para Abramowicz e Wajskop (1995) todo espaço físico é um território cultural: a ser ocupado, construído, bagunçado, marcado por experiências, sentimentos e ações das pessoas. Nesse sentido, criar um ambiente estimulante permite que a criança desenvolva suas potencialidades de forma prazerosa e significativa.

Um dos grandes obstáculos da educação ribeirinha é a acessibilidade, a lei diz que todo órgão público tem ou poderia ter acesso para todos, porém quase todas as escolas observadas das ilhas não têm condição de receber alunos com necessidades especiais. Segundo o Decreto-lei 5296 de 2 de dezembro de 2004, Art. 24. “Os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade, públicos ou privados, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios e instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários”.

Para se chegar até o prédio da instituição é preciso andar em cima de pontes ou meritizeiros, e esse acesso fica mais difícil quando a água está seca. Uma vez que a ponte é muito alta e já um pouco danificada pelo tempo, isso impossibilita totalmente que um cadeirante chegue até a escola, por exemplo. A meu ver, esse é um grande desafio para que o poder público consiga implantar de fato a acessibilidade nas escolas ribeirinhas.

Pude observar que as dificuldades e limitações dessa escola são muitas, no entanto, o empenho e a boa vontade da comunidade, família e a própria escola para que esses problemas sejam resolvidos são visíveis. Entendo que a escola por si só é lugar de experiências, quando se trata de uma escola ribeirinha essas experiências são ainda mais acentuadas, como veremos nos tópicos seguintes.

2.3. A Afetividade na prática docente

Atualmente, a escola conta com 13 professores, sendo 6 efetivos da rede estadual e 7 atuando como professoras pró-tempore, mas todas com formação superior. A gestora em exercício atua há 18 anos no magistério e também tem formação superior em Pedagogia. Na atual função, a gestora responde tanto pelo Município quanto pelo Estado.

A escola não possui coordenação pedagógica, a mesma possui Projeto Político Pedagógico porém o processo de elaboração do mesmo não foi constituído na escola do campo, este é desconhecido pela responsável da instituição e também dos professores, uma vez que essa elaboração foi feita pela escola sede, no caso a escola estadual Pedro Teixeira, além de ser dificultoso o acesso ao PPP atual da escola.

Segundo Veiga (1998, p. 09)

O Projeto Pedagógico exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos, com o processo educativo. Seu processo de construção aglutinará crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo.

Podemos observar na citação de Veiga a importância do Projeto Político Pedagógico para a escola, pois ele é construído com base nas várias variadas diferenças entre seus criadores, sejam eles a equipe técnico administrativo, professores, pais, alunos e representantes da comunidade. Entendo com isso que o PPP não é, nem deve ser algo centralizado, não deve ser feito por pessoas que não fazem parte do contexto da escola, pois só conhece verdadeiramente a realidade, quem a vive.

A escola desenvolve quase sempre projetos pedagógicos de leitura e/ou voltados ao meio ambiente. A escola também dá atendimento a comunidade como formação para as famílias. A principal dificuldade apresentada pela gestão da escola é a falta de não se ter coordenação pedagógica na escola, por conta disso muitas coisas ficam a desejar, e quase sempre a responsável fica sobrecarregada de tarefas, pois precisa assumir tanto os afazeres de sua profissão, como os que são devidos a coordenação pedagógica. As perspectivas apresentadas pela gestão para a educação da escola é ter uma escola de qualidade, que possa formar pensamentos críticos, que tenha uma melhor estrutura, um laboratório de informática, já que o mesmo não está em condições de funcionamento, o mesmo ocorre com a biblioteca.

Nos parágrafos seguintes mostrarei as visões de duas professoras A e B, para que possamos entender melhor a questão da vivência do afeto em sala de aula, meus questionamentos estiveram alicerçados em perguntas norteadoras: será que a motivação ou o incentivo ajuda no processo de ensino/aprendizagem? As metodologias dos professores interferem nas relações interpessoais entre o professor e aluno?. Veremos isso nas observações feitas das professoras. As observações ocorreram nas salas do 7º ano, pois foi onde percebi a maior variedade de realidades existentes na escola, possibilitando a mim

experiências ainda mais profundas para a construção meu trabalho acerca da afetividade na relação professor e aluno.

Começo este relato falando da professora (A) que parecia ter dificuldades com o assunto. Sua metodologia é tradicional e não contextualizada; ela expõe o conteúdo no quadro branco e os alunos fazem anotações, na hora da explicação, não faz relação destes com fatos do dia a dia. A professora segue fielmente o livro adotado pela escola, não utiliza outros recursos para ministrar a sua aula. Sua prática é prejudicada, muitas das vezes pelo desinteresse da turma e pela indisciplina dos alunos de outras salas. Para conseguir a atenção dos discentes ela reclama o tempo todo, muitos se mantêm calados, entretanto dispersos. As aulas se limitam a serem expostas verbalmente pela professora e os únicos recursos utilizados pela docente são: quadro branco, a caneta piloto e o livro adotado. A fixação do conteúdo é feita pela repetição de exercícios que posteriormente serve de base para as avaliações.

Observei também que apesar de todos esses problemas acima citados, a professora tem um bom relacionamento com os seus alunos na turma do 7º ano, esses alunos gostam da professora apesar de apresentarem dificuldades de assimilação da disciplina dela, essa é a realidade das escolas hoje, os professores não se preocupam em entender os alunos, parece-me que só há interesse e repassar os conteúdos de forma mecanicista. Um exemplo disso foi quando percebi que havia um aluno com deficiência na sala, já que tenho certa experiência com o assunto não foi difícil perceber isso, o menino é mudo e surdo, a professora não havia atentado pra isso ainda, uma vez que a mesma é nova escola, tendo apenas duas semanas de trabalho na referida escola, mesmo com essa desculpa que a professora deu, não fiquei satisfeito, pois, duas semanas são mais que suficientes para identificar um problema como esse.

Contudo a relação dos demais alunos com esse aluno com deficiência é bem interessante, pois me parecia que mesmo com as dificuldades de comunicação os alunos interagem entre si, brincavam, corriam, sorriam um para o outro, pude perceber que as crianças não tinham preconceito, pelo contrário, ainda ajudavam para que o aluno conseguisse fazer as atividades escolares do dia a dia.

Observei também outra professora que para este relato chamarei de “professora (B)”, ela escreve no quadro as palavras corretamente, fazendo observações respeito do que ela viu anteriormente nos cadernos. Ela faz um dever de casa para os alunos trazerem na próxima aula, pedindo 10 palavras que tenham “al, el, il, ol, ul”.

Percebi que os alunos sentem-se bastante à vontade para participar das aulas, dar opinião é algo muito natural pra esses alunos, percebe-se que a professora incentivou e incentiva essa postura dos alunos, eles são muito participativos nas aulas, é algo muito bonito de se ver, eles sempre estão prontos para interagir com a professora quando solicitados.

Depois a professora pede para os alunos pegarem o caderno de ciências, uma aluna disse que passou a noite toda lendo o assunto, porque “ela quer tirar um 10”. A professora pede para os alunos pegarem uma apostila do sistema solar e faz algumas perguntas para eles, os alunos respondem o que eles sabem de acordo com a apostila, onde tem um desenho do sistema solar. A professora fala que também temos os outros astros, que são os cometas e os meteoros. Os alunos leem a apostila e a maioria já sabe ler. A professora pede para três alunos irem lá na frente, um aluno é o sol, outro é um planeta e outro é a lua. A professora utiliza os alunos para exemplificar como é a rotação dos planetas ao redor do sol.

Em seguida, a professora pega um globo da terra e uma lanterna de celular para simbolizar o sol, ela fala que a terra está inclinada e fala do eixo imaginário, ela diz que a linha da órbita é a trajetória que o planeta faz e fala que se algum planeta sair da órbita ele vai se chocar com outro planeta e haverá uma grande explosão, usando como ponto de partida o senso comum dos alunos, sobre o que elas entendem sobre a lua, as estrelas, a noite e o dia, de forma lúdica e dinâmica, sempre levando em consideração que são alunos de 7º ano.

Dessa forma, Libaneo (1998, p. 29) afirma que o professor media a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de suas disciplinas, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz a sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. Nesse sentido o conhecimento de mundo ou o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado.

Percebemos a todo o momento da pesquisa, que a professora sempre retoma conhecimentos trabalhados, usa exemplos do cotidiano dos alunos para explicar algo, fazendo perguntas e os alunos participam ativamente das aulas, explicam as perguntas que a professora faz, através do senso comum que ela considera obviamente e posterior a isso, ela explica de acordo com teorias existentes sobre determinado assunto.

A professora fala que o horário de ciências acabou e ela vai passar para a língua portuguesa, ela distribui uma apostila para os alunos e pergunta se eles conhecem os sinais de pontuação, cada aluno responde de uma forma diferente. Depois a professora pergunta se eles

sabem porque surgiram os sinais de pontuação, a professora dá exemplos do cotidiano e mostra as expressões faciais. A professora pergunta para os alunos o que foi criado para representar todas as emoções, os alunos respondem que foram os sinais de pontuação, depois ela pergunta se os alunos já levaram algum susto e os alunos contam diversas histórias, ela pergunta que sinal de pontuação é usado para representar o susto, um aluno responde que é o sinal de exclamação.

Durante as observações, percebeu-se a troca produtiva entre os alunos, pois, anteriormente a nossa pesquisa eles tinham feito trabalho em grupo, de fábulas e nessa ocasião da nossa observação eles explicaram e leram a fábula sobre o “lobo e o cordeiro” de forma muito dinâmica e interativa, para os alunos responderem as questões, só responderam a primeira, as demais ficaram para a outra aula, porque acabou o horário.

Segundo as observações, o tempo é bem dividido e os alunos conseguem fazer anotações, resolver atividades, exporem ideias, interagirem com a professora através de perguntas e respostas. Os alunos são bastante desenvolvidos cognitivamente, tem um senso comum muito apurado, o que facilita a interação professor-aluno e essa troca de informações é bastante prazerosa, os alunos tem muita facilidade em falar, em se expressar, não tem vergonha de falar em público e nem ficaram inibidos com a presença de pesquisadores, a aula fluiu normalmente, a professora consegue administrar o tempo da aula.

As atividades materiais que articulam as ações pedagógicas são as interações entre os professores, os alunos e os conteúdos educativos em geral para a formação do humano; as interações que estruturam os processos de ensino e aprendizagem; as interações nas quais se atualizam os diversos saberes pedagógicos do professor, e nas quais ocorrem os processos de reorganização e ressignificação de tais saberes. (PIMENTA, LIMA, 2006, p.12)

É evidente a diferença de postura entre as professoras A e B, a forma como são ministradas as aulas mostram que os alunos preferem a professora B, pois a mesma os incentiva a aprender, e mesmo quando erram ela continua sendo positiva falando que “foi por pouco” ou “da próxima você acerta”, outra coisa que muito me chamou atenção foi a participação dos alunos nas aulas da professora B, eles se empenhavam em aprender, queriam participar, responder, falar o que aprenderam. Em quanto que as aulas da professora A eram monótonas, os alunos não prestavam atenção.

Quanto aos conteúdos eles são compatíveis com a série e de acordo com a proposta curricular e Parâmetros Curriculares Nacionais. O currículo das escolas do campo necessita contemplar elemento de compreensão dessa realidade por elas vivida. Trata-se de uma escola

que tem suas diferenças, suas características, suas marcas, e que precisa ser respeitada quanta escola que abriga outro modo de viver as relações pedagógicas e cujo currículo precisa voltar-se para suas necessidades cotidianas.



Foto: professora regente em sala
Fonte: Hudson Pantoja



Foto: professora com a turma 6º ano
Fonte: Hudson Pantoja

2.4. Afeto e aprendizagem: uma relação interpessoal.

Neste tópico trataremos da relação interpessoal existente entre a escola, a família e a comunidade onde a escola se encontra. Para isso ouvi alguns alunos, uma mãe de aluno e a líder comunitária da comunidade. Ao entrevistarmos alguns alunos do 6º ano, podemos observar que a turma é constituída por pessoas alegres que valorizam muito a amizade, sem falar que adoram esporte. Grande parte dos alunos disse ter três irmãos, moram com os pais e a maioria é o pai e a mãe que trabalham e em alguns casos o aluno também ajuda financeiramente nas despesas familiares. A renda familiar oscila ente 1 a 2 salários-mínimos, e grande parte dos alunos não exerce atividades remuneradas, no entanto desde pequeno já trabalham na pesca e apanhação de açaí. Todos os alunos utilizam barco para chegar até a escola. Ao questionar o que eles acham da sua escola, muitos disseram que gostam por causa dos professores e dos amigos.

Quanto o ponto positivo sobre a escola, muitos disseram que ela possui bons professores e um bom espaço físico, e quanto ao ponto negativo, disseram que a escola é um pouco desorganizada no sentido de que a sede fica na cidade e quando eles precisam de algum documento tem que vir a cidade buscar. Percebemos também que a maioria dos alunos apesar de as dificuldades que enfrentam pra chagar até a escola são assíduos e não repetente. “Meu

maior sonho é terminar meus estudos, fazer faculdade de educação do campo e voltar sendo professora na escola que eu estudo hoje”. (Jenifer Santos, aluno do 8º ano).

Na escola da vida é Daniel que dá uma lição: “aqui é tão longe e dificultoso, mas a gente não põe dificuldades em nada. Tem que ter força de vontade, senão ninguém vai pra frente. As pessoas que ficam bem pertinho da escola não querem ir e nós aqui longe, né? Tem que ter coragem mesmo”.

Entre as disciplinas que eles mais gostam estão História e Ciências, e entre as que eles menos gostam se destacam Matemática e Português, E quanto à expectativa sobre as estagiárias, eles disseram que são boas e que esperam que o estagiário possam ser legal, passar o conteúdo bem, menos estressante e paciente. Eles esperam que o estagiário tenha um bom relacionamento com eles e que os entendam, afinal de contas é um aluno como eles.



Foto: aluna Jenifer 8º ano
Fonte: Hudson Pantoja



Foto: à esquerda aluno Daniel
Fonte: Hudson Pantoja

Percebe-se que a interação família, escola e comunidade é necessária, para que todas as partes conheçam suas limitações e suas realidades, e busquem caminhos que promovam o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno. Nesse sentido, mostrarei aqui como na prática é essa relação na escola da comunidade pesquisada, visto que, a relação entre ambas tem sido destacada como de extrema importância no processo educativo das crianças.

Em entrevista com dona Maria do Socorro da Silva coordenadora da comunidade e líder da pastoral da criança, a economia e a atividade produtiva na comunidade gira em torno do manejo do açaí e a pesca do camarão e do peixe, são as únicas produções de renda da comunidade. Dona Maria do Socorro líder da comunidade ressalta que “a grande maioria do povo do nosso rio trabalha no manejo do açaí e a pesca do camarão e do peixe, sem ser o

açaí e a pesca não tem nada, não temos nem se quer uma cooperativa para ajuda na economia nossa comunidade”.

Segundo a líder da comunidade, a implantação da escola foi uma luta dos moradores. Foi tirada uma comissão e juntos foram em busca da escola. “hoje olho a escola e vejo um sonho realizado.” (dona Maria do Socorro), com a união dos moradores já conseguiram um posto de saúde (inacabado) e estão lutando para conseguirem a energia antes do final do ano. A escola entra na luta junto com a comunidade para o projeto da energia, a responsável da escola já fez um documento junto com o Conselho Escolar pedindo urgência aos órgãos competente para este projeto.

Segundo dona Maria, a comunidade poderia ajudar muito a escola, se tivesse uma cooperativa para fornecer o alimento para o lanche das crianças. Temos o açaí, o peixe, o camarão, porém não pode ser usado pela escola. Há muitos anos tínhamos uma padaria que fornecia o pão para a escola, como não era documentada teve que suspender o fornecimento do pão pra escola, agora toda a merenda vinda pra escola é de responsabilidade do governo Municipal.

Dona Maria do Socorro além de líder comunitária é também funcionária da escola e seus filhos estudam na mesma. Segundo ela a escola tem uma boa relação com as famílias, os pais estão sempre presente nas reuniões, de vez em quando vem a escola saber como seus filhos estão indo, trabalham todos unidos para o bem comum da escola.

Olha a gente tem uma relação muito grande, tanto é que se não fosse a nossa união não teria o ensino regular aqui, é uma oportunidade muito boa pra nós, os nossos filhos estudam perto de casa não precisam ir pra cidade, os professores da cidade é que venham pra cá. (dona Socorro mãe de aluno)

Questionada se a escola tem representante no conselho escolar, Dona Maria relata que sim, cada categoria tem seu representante no Conselho e sua sugestão para melhorar mais a relação entre escola e família é a escola promover mais encontros de família na escola para que possam estreitar mais a relação com a comunidade. Contudo, a relação da comunidade com a escola já é bem próxima, os moradores das redondezas e pais de alunos da escola ajudam como podem, ajudam até mesmo quando a escola precisa arrecadar fundos para manutenção ou algo para a escola, já que os recursos vindos do governo geralmente não são suficientes para seu bom funcionamento.

O Conselho Escolar traça planos pra melhorias das ações no âmbito escolar. A diretora monta um documento com tudo o que e feito e decidido nas reuniões, para ela, o Conselho

Escolar é um documento normativo e norteador da escola. O que auxilia dando voz e ouvido a todos os envolvidos. Pois de acordo com Vieira (2009), as funções políticas e sociais da escola são também atravessadas pelos interesses das classes sociais. Nessa perspectiva, consegue-se ver a escola com a função política e social na construção da cidadania. O Conselho Escolar é atuante, cada categoria tem seu representante dentro do conselho, em suas reuniões é cobrada a ausência do professor, a pontualidade, a falta de professor em algumas disciplinas importantes no currículo escolar dos alunos, entre outros.

Entretanto, a escola tem encontrado dificuldades em assimilar as mudanças sociais e familiares e adicionar as novas tarefas que a ela têm sido impostas, embora isso não seja um processo de agora. Entretanto, a escola precisa ser pensada como uma ligação entre a família e a sociedade, pois tanto a família quanto a sociedade voltam seus olhares todos sobre a escola. A escola é para a sociedade uma extensão da família, porque é através dela que a sociedade consegue influência para desenvolver e formar cidadãos críticos e conscientes.

Quando falamos sobre o papel de professor percebemos que, enquanto professores, podemos ir além da técnica, constituindo assim conceitos da prática a partir das reflexões coletivas. O papel do professor passa pelo facilitador da aprendizagem, pelo orientador dos alunos, mediador. Em relação à aprendizagem, concluímos que há três elementos fundamentais que precisam ser articulados para que a mesma ocorra: o conhecimento prévio, a capacidade de aprender e a necessidade de querer aprender. Quando falamos de aprendizagem destacamos a necessidade de conexão entre os conhecimentos mediados pelo professor e pelas informações colocadas em movimento.

Nesse processo de ensino e aprendizagem assimilamos de fato que para ensinar é preciso que o professor domine os conhecimentos de sua área de atuação, articule-os aos saberes experienciais, curriculares, pedagógicos e pessoais e motivem os alunos, por meio de suas estratégias, para que a construção do conhecimento ocorra, em todo esse processo a afetividade será repassada indireta ou diretamente por meio da própria articulação dos professores. Como já foi informado nos tópicos acima, a parte pedagógica da escola na verdade não existe, foi então que senti a necessidade de fazer um capítulo específico para discutir essa questão, mostrando a importância do coordenador pedagógico e quais as suas funções dentro da escola, ainda que a nível discursivo neste momento, fazendo um “tripé”, entrevista com a professora responsável, embasamento teórico e minhas considerações levando em conta a temática e o objeto de minha pesquisa.

3. AS INFLUÊNCIAS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA VALORIZAÇÃO DA AFETIVIDADE: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.

Neste capítulo mostrarei que a tarefa do Coordenador Pedagógico é fundamental no processo educacional ao qual o afeto é um dos seus elementos. É aí que surge a relação entre a Lei, o regulamento, o documento, a teoria e a prática, o que articula o processo.

A escola é um ambiente de afetividades, de relações e interações sociais, ou seja, é um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, social. Assim sendo, a instituição escolar que verdadeiramente busca favorecer o processo de ensino e aprendizagem deve privar por uma boa gestão e organização do espaço educacional, a fim de contribuir na formação dos educandos. No entanto, para que isso ocorra se faz necessário um planejamento maior, com atitudes críticas e reflexivas que possam direcionar a prática dos educadores, fazendo-os analisar, intervir e transformar a mesma. Segundo Brandão (2005):

[...] A educação deve ser uma ação cultural transformadora, sempre em todas as dimensões e em direção a um constante processo de humanização, uma educação para transformar. Para transformar as pessoas que sejam capazes de transformar os modos de vida em que vivem e pensam as suas vidas. (BRANDÃO, 2005, p.33)

Nesse contexto de pessoas que são capazes de transformar a si mesmo e o mundo, deve estar o coordenador pedagógico, um sujeito indispensável no âmbito escolar, que atua direta e indiretamente nos mais diversos assuntos que compõe esse espaço, entre esses assuntos pode estar o PPP (projeto político pedagógico), o HP (hora pedagógica) ou hora atividade e os conteúdos programáticos- currículo, elementos indispensáveis que precisam de um olhar reflexivo. O currículo Escolar que se consolida no Projeto Político Pedagógico é a principal definição e articulação de competências, ações políticas e papéis desenvolvidos no âmbito escolar e de sala de aula.

Para entender como o coordenador concebe esses assuntos na instituição escolar, entrevistamos a professora atuante como coordenadora da escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ela discorre sobre esses elementos e especifica seu papel para desenvolvê-los na escola.

3.1. Projeto Político Pedagógico

Podemos compreender a importância do PPP¹ como documento norteador que envolve as visões de todos os envolvidos com a instituição escolar. Para isso, realizamos entrevista com a coordenadora pedagógica e também, com a orientação de autores que discorrem sobre a temática. Segundo a coordenadora, o PPP é:

[...] a identidade da escola, ele é indispensável em uma instituição de ensino. Ele é construído a partir do diálogo entre todas as categorias da escola (alunos, pais, professores, gestores) Para pensar de fato a escola que queremos isso vai se materializar por meio de um documento, e esse documento vai refletir a vida da escola. Sem ele você não sabe de onde está partindo e nem aonde quer chegar. (Diário de Campo)

O registro acima indica a confirmação da afirmação de Vasconcellos (2007) que sem um projeto político pedagógico, não se organiza a escola de forma adequada, se o professor não tiver um projeto de ensino/aprendizagem, não realiza um bom trabalho em sala, se o sujeito não tiver um projeto de vida, fica perdido.

De acordo ainda com o registro a coordenadora compreende a relevância do PPP, e diz que seu papel é mobilizar as demais categorias da escola (alunos, professores, pais, etc.) para que entendam também essa importância. Pois ele não pode ser constituído apenas pelo gestor e sim coletivamente, para que não prevaleça somente um ponto de vista. Ela complementa dizendo que, é cobrado das escolas a construção do mesmo, pois sem ele não tem como a escola funcionar. Esse projeto tem o prazo de validade de 3 anos, na escola pesquisada, mas, esse tempo varia de escola para escola, podendo ser revisado antes do prazo se for necessário.

No entanto, o PPP já veio pronto da escola sede Pedro Teixeira que está localizada na cidade de Abaetetuba, o mesmo não contempla a realidade da escola em questão, já que a mesma é das ilhas. Em minhas observações não percebi que devido a escola em questão não ter o PPP próprio as relações pedagógicas docentes nas quais deveriam estar presentes a afetividade ficam prejudicadas, o interesse da escola em mudar essa situação, parece-me que a escola está conformada mesmo sabendo que o atual PPP não contempla a maioria das suas necessidades. A relação da teoria e prática é visível nos relatos da coordenadora, contudo não é de forma positiva, pois o documento indica coisas que na prática não se efetivam.

¹ Projeto Político Pedagógico

A coordenadora alega que a LDB² diz ser necessário o PPP nas escolas, entretanto, ele não pode ser realizado como uma “obrigação”, de qualquer jeito, como um simples documento; mas deve ser pensado como a vida da escola. Segundo Freitas (2004),

O projeto pedagógico não é uma peça burocrática e sim um instrumento de gestão e de compromisso político e pedagógico coletivo. Não é feito para ser mandado por alguém ou algum setor, mas sim para ser usado como referência para as lutas da escola. É um resumo das condições e funcionamento da escola e ao mesmo tempo ginástico seguido de compromissos aceitos e firmados pela escola consigo mesma. Sob um olhar atento de poder público. (FREITAS, 2004, p. 69)

Baseando-nos no que diz o autor acima, a coordenadora é contundente ao enfatizar que é preciso a participação de todas as categorias, porque o PPP não pode ser feito de forma isolada, ele deve não somente ser planejado, mas desenvolvido dentro do ambiente escolar. É na realidade um projeto democrático que não foi possibilitado para essa escola. A coordenadora ainda ressalta que essa é a realidade da maioria das escolas das ilhas. Entretanto percebo que as escolas precisam de mais autonomia para criação desse documento que é essencial para o seu bom funcionamento, mesmo sendo um anexo de outra escola isso não impede a criação de um PPP que contemple a sua própria realidade.

3.2. Hora Pedagógica

A hora pedagógica ou hora atividade, foi um dos temas focados na entrevista com a coordenadora, ela conceitua essa hora como “hora de planejamento escolar” e afirma que nas escolas do Estado essa hora pedagógica não funciona como deveria, que seria uma vez por semana, ela explica o porquê:

É complicado porque o professor deveria ter um tempo a mais para fazer a hora atividade, já que os alunos tem que ter 200 dias letivos e 800 horas em sala de aula, é difícil tirar esse tempo para planejamento do tempo dos alunos em sala de aula, aqui na instituição apenas uma vez por mês. (Diário de Campo).

Percebo com o relato acima que a certo descaso por parte dos professores e da coordenação da escola também, pois planejar o que será ensinado é fundamental para que as aulas sejam produtivas e bem estruturadas. Segundo a lei nº 13807 que conceitua a hora atividade como um período em que o professor desempenha funções da docência, planejamento, estudos, reuniões pedagógicas, atendimento à comunidade escolar, preparação de aulas, avaliação dos alunos e outras correlatas, devendo ser cumprida integralmente no local de exercício.

² Lei de Diretrizes e Bases

Desta forma, a hora pedagógica é de extrema importância na escola, pois é nela que os professores têm a possibilidade de expor suas dificuldades, sugestões e intervenções. A educadora observa que há algumas discussões sobre isso, nas quais, alguns apontam a hora atividade como algo prejudicial aos alunos, pois se retira de seu horário de aula, para desenvolvê-lo; já outros defendem que o aluno não perde com isso, pois se houver esse momento com os educadores, é o aluno que vai ganhar em sala de aula, com as possíveis mudanças na prática dos professores.

Mesmo com essas discussões, entendemos que é necessário esse momento de diálogo entre a gestão escolar: na escola pesquisada os professores em sua grande maioria não participam dessa hora pedagógica, que ocorre na instituição apenas uma vez por mês, isso porque muitos trabalham em outras escolas e alegam que não tem disponibilidade. Esse diálogo que está previsto nas horas pedagógicas, faz com que professores, coordenadores e gestores evoluam em conhecimento e em seu pensamento crítico, repensando e conhecendo sua própria realidade. A propósito da questão, Brandão (2005) ressalta “conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsabilmente qual o sentido humano do que estou conhecendo”. Se os educadores não participarem desse momento dificilmente conhecerão as possibilidades de evolução. Dessa forma, os relatos acima mostram uma desconformidade, pois há leis como a de nº13807 que mostram a importância da Hora Pedagógica, entretanto na escola pesquisada não é dada a devida importância para esse momento de planejamento.

3.3. Conteúdo Programático

Na entrevista comenta-se também sobre conteúdos programáticos. A educadora enfatiza que os mesmos são mandados pela SEDUC e pela SEMEC já que a escola atende o Ensino Fundamental e Médio, esses conteúdos já vêm “prontos” para ser utilizado em sala de aula. Contudo, ela acrescenta que a escola faz algumas adaptações nesse conteúdo, de acordo com as necessidades da escola e de cada aluno, adequando para a realidade do Município. A respeito do assunto, o Ministério da Educação discorre sobre essa questão observando:

[...] os currículos não são conteúdos prontos a serem repassados aos alunos. São uma construção e uma seleção de conhecimento, valores, instrumentos da cultura produzidos em contexto e práticos, social e cultural. (Ministério da Educação, 2017, p. 4).

Visando a adequação desses conteúdos, a coordenadora acrescenta que na instituição tem alguns alunos com deficiência, e esses conteúdos não sofrem nem um tipo de adaptação

em função das dificuldades desses alunos, pelo contrário, são trabalhados os conteúdos que condizem com a série desses alunos, o que se modifica são os métodos que o professor utiliza para que esse aluno compreenda e assimile o assunto. A informante observa claramente que essa reflexão sobre os conteúdos é feita frequentemente:

Notamos no ano passado, os conteúdos estavam ultrapassados, não atendiam as necessidades atuais dos alunos e nem da prova Brasil isso foi pauta de nossas reuniões. Os professores analisavam os conteúdos e traziam para as reuniões, para que pudéssemos discutir como trabalhar determinado assunto. E isso é uma responsabilidade minha como coordenadora, não somente de professores, todos temos que ter um olhar crítico diante desses conteúdos, se não, essas inadequações não serão percebidos. (Diário de Campo)

No relato acima compreendemos que nessa escola os educadores têm a autonomia de repensar o que lhes é repassado, contribuindo para o aprendizado de seus alunos; se o educador for crítico-reflexivo, isso causará um impacto em seus alunos, que passarão também a refletir e criticar sua própria realidade. Assim sendo, entendemos que o coordenador pedagógico é apenas um dos sujeitos indispensáveis na construção de uma prática educativa; ele tem um importante papel, que é o de mediar as práticas, os saberes e as ações dos professores em sala de aula. Cabe ao coordenador planejar ações que provoquem a mudança no professor, mas para isso, essa mudança, os saberes, o interesse e o olhar crítico devem refletir em si mesmo para depois, orientar e auxiliar o professor; tendo em vista que ambos são educadores e fazem parte da gestão escolar.

FREIRE (1961, apud, VASCONCELLOS, 2007) afirma, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Desta maneira, compreende-se que a escola não deve ser movida somente por coordenador, gestor, professores e nem tão somente por alunos; mas ela é formada por um conjunto de agentes que devem trabalhar ativamente em pró do processo de ensino aprendizagem; destacamos neste presente estudo a importância que o coordenador pedagógico exerce, quando desenvolve seu papel de instruir, orientar, refletir e mediar, tanto sua prática quanto dos professores na escola, contribuindo significativamente na formação dos alunos.

Veremos no próximo capítulo a relação do afeto/aprendizagem de uma forma mais bibliográfica, porém, relacionando aos dados empíricos da pesquisa, ocasião em que entenderemos o que os principais autores e pesquisadores da área da afetividade falam acerca dessa relação. Não é uma tarefa fácil fazer esse estudo, já que as definições de afeto ainda são

muito subjetivas. Contudo, organizei as ideias de uma forma mais sucinta para melhor entendimento do real objetivo do estudo, e procurando relacionar aos dados empíricos coletados, fazendo sempre a relação teoria-pesquisa.

4. O AFETO COMO FUNDAMENTO DE EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM

4.1. O afeto e a emoção na construção e aprendizagem da criança.

Neste capítulo trataremos bibliograficamente da afetividade docente e da educação infantil. Fazendo a ligação entre os dados empíricos da pesquisa e os conceitos dados pelos principais autores da área, com o intuito de mostrar o afeto como fundamento da educação e aprendizagem.

O estudo sobre afetividade requer uma intensa reflexão, apesar de ser um tema muito discutido, sempre tem algo novo a acrescentar nas discussões. Todo professor da Educação Infantil precisa conhecer o tema com propriedade, pois sua prática está muito ligada ao uso do afeto em sala de aula junto às crianças. Para discutir sobre essa temática, organizamos esse capítulo em três seções. Na primeira, iniciamos com abordagens de diferentes concepções de afetividade, a partir de autores como: Monte-Serrat (2007), Davis e Oliveira (1994), Cazaux (1995), entre outros citados no texto. Na segunda, discorreremos sobre afetividade docente, mostrando a influência das emoções na saúde psíquica e a grande importância o estado emocional em que se encontram os nossos professores. E por último, falaremos sobre a educação infantil, buscando conceitos em autores e na legislação brasileira para entendermos mais a fundo como devemos agir e pensar essa modalidade, já que a mesma é responsável pelos primeiros passos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar.

Início minha discussão com Monte-Serrat (2007) afirmando que, a emoção com seus significados têm despertado a atenção de vários filósofos e pensadores por várias gerações, entre eles estão: Platão em seu livro “Filebo” que faz a afirmação de que a vida de prazeres é mais desejável do que a vida do saber. E Aristóteles em seu livro “Retórica” onde a retórica é um saber que se inspira em múltiplos saberes e se põe ao serviço de todos os saberes. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino também comentaram sobre a emoção, com uma preocupação mais religiosa de espiritualidade, onde enquadrando aquele conceito na esfera do “Bem e do Mal”. O entendimento das emoções e suas manifestações como: alegria, prazer,

afeto, desejo, tristeza, sempre sofreram influências das escolas de pensadores de cada época. Telésio, Hobbes, Descartes, Kant, Hegel, entre outros, refletiram sobre as emoções humanas.

Monte-Serrat (2007), afirma que o reconhecimento da importância das emoções no processo de aprendizagem não é exclusivamente dos nossos dias, Também encontramos em Piaget, Vygotsky e Wallon, entre outros, contribuições muito importantes para a compreensão das emoções no desenvolvimento infantil e seu relacionamento com a aprendizagem.

Na perspectiva de Vygotsky (1998, p. 42):

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação professor e aluno. (VYGOTSKY.1998, p. 42)

Entendemos então que Piaget e Vygotsky definem e afirmam que a aprendizagem se dá juntamente aos aspectos afetivos, sendo assim, a afetividade será decisiva para a construção da aprendizagem da criança, e os pais, professores e a escola devem ser cientes de que possuem um papel muito importante nesse processo, que é contribuir para a formação de uma pessoa. Durante a pesquisa pude compreender esses conceitos citados acima, a relação da escola e família com os alunos em questão, contudo não de forma positiva pois, há um certo descaso de todas as partes, por parte dos professores em não planejarem suas aulas na Hora Pedagógica, por parte da escola por não se empenhar na criação de um Projeto Político Pedagógico que contemple a realidade dos alunos e da família por não se fazer tão presente quanto deveria.

Outro autor que trouxe grandes contribuições para compreensão do afeto na aprendizagem foi Wallon, para ele as emoções possuem um papel de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo. É por meio delas que a criança apresenta suas vontades e seus desejos, enfatizando que o afeto é um dos principais aspectos para o desenvolvimento humano.

A partir da segunda metade do século XIX, as emoções passaram a ser objeto de indagação científica, principalmente da psicologia, levando em consideração sempre as diversas correntes de pesquisa. Monte-Serrat (2007), deixa claro que o estudo das emoções é tão complexo que não se prende apenas à psicologia, mas, mostrou uma interdisciplinaridade entre diversas áreas do conhecimento como: psicopedagogia, neuro ciência, a sociologia e a

etologia³. Essa diversidade, que pode produzir muitos avanços e resultados para esse conhecimento, contudo, torna mais difícil e complexo de definir o que se entende por emoção ou afeto. Embora seja um tanto simples entender o que seja a emoção, ou as emoções, no nível intuitivo, torna-se extremamente difícil fazê-lo no nível conceitual. Em outras palavras, as emoções passam pelo campo da subjetividade, que transcende o foco puramente neurológico. Entretanto, é importante deixar claro que a emoção é sempre real, assim como os seus desdobramentos afetivos e somáticos, incluindo o seu desempenho na aprendizagem.

Lembro-me que ao começar a minha pesquisa sobre essa temática da afetividade, não sabia ao certo o que seria emoção ou afeto. Contudo as bibliografias já citadas acima me deram embasamento para que essa pesquisa transcorresse de forma mais clara e objetiva. Esse conhecimento é de grande relevância, não somente para um Trabalho de Conclusão de Curso, mas também para formação individual enquanto professor de educação infantil.

4.2. A afetividade docente

A influência das emoções, haja vista que estamos falando de educação, é de grande importância o estado emocional em que se encontram os nossos professores. Não somente as emoções dos alunos interferem no processo de ensino/aprendizagem, mas também as dos docentes. Em primeiro lugar o professor é um ser humano, e este, por sua vez, é passível de ser atingido por qualquer problema, seja ele ligado ao seu trabalho ou a sua pessoa. Em minha pesquisa na Escola Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, também tive como foco da observação a afetividade docente, afetividade do aluno e da comunidade, que a meu ver são de grande importância para a saúde da escola como um todo.

A princípio, peguei a mesma embarcação que os professores viajavam em direção a escola, isso me permitiu uma observação mais minuciosa acerca de como eles interagem entre si, pude perceber qual o professor que mais falava, qual professor era mais sério, e até mesmo qual o mais engraçado entre eles. Esses quase 40 minutos de travessia me deram muitas informações relacionadas às dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, era visível o cansaço nos olhos daqueles professores.

Em uma conversa informal durante a viagem, um dos professores falou sobre as dificuldades que ele encontra quando se trata de uma escola das ilhas, e uma das principais reclamações foi que a escola não dá subsídios necessários para uma boa ministração de aula,

³ ciência que estuda os costumes humanos como fatos sociais.

pois a mesma tem muitas precariedades, muitos problemas que desanimam na hora da criação de atividades dentro e fora de sala. Pode perceber na fala desse professor que falta formação continuada, falta conhecimento para elaboração de atividades lúdicas voltadas para as ilhas, uma vez que os professores são da cidade. O que dificulta ainda mais a vida dos professores é o PPP da escola, já que o mesmo foi feito pela escola sede que se encontra na cidade e não tem a mesma realidade da escola em questão, haja vista que o PPP para uma instituição escolar reflete suas características, sua própria identidade, é uma construção coletiva que envolve todos da instituição mais a comunidade. Com relação a isto, Lima(2002) ressalta que;

A construção da escola democrática constitui, assim, um projeto que não é sequer pensável sem a participação democrática de outros setores e o exercício da cidadania crítica de outros atores, não sendo, portanto, obra que possa ser edificada sem ser em co-construção. (LIMA, 2002, p. 42).

Todas essas dificuldades exemplificadas acima podem ocasionar problemas ainda mais graves em nossos professores, segundo Davis e Oliveira (1994), não é fácil saber como o professor deve agir em sala de aula. Essa lacuna de conhecimento soma-se ao peso de vários fatores que também influenciam a atuação docente dificultando a orientação da aprendizagem, Davis e Oliveira ainda retratam que esses professores terminam apelando para a ideia de problemas emocionais dos alunos, colocando apenas sobre estes o peso de um fracasso que também é seu e da própria escola em si.

O modo com que se concilia o lado profissional e o lado pessoal que delineará as atitudes e as maneiras de encarar os conflitos que, com certeza, acontecerão em sala de aula. Contudo, esse professor estaria preparado para lidar com as suas próprias emoções e ainda ter que entender os turbilhões de emoções dos seus alunos? Monte-Serrat (2007) retrata que, hoje em dia, muitos professores apresentam algum tipo de sintoma psicossomático que podem ser:

- Ansiedade;
- Cansaço Exagerado;
- Dificuldade de Concentração;
- Déficit de Memória;
- Desmotivação;
- Choro ou Vontade de Chorar;
- Diminuição do Prazer Sexual;
- Insônia;

- Excesso de Sono;
- Tristeza ou Humor Deprimido;
- Medo;
- Sentimento de Culpa.

Estamos falando dos professores, no entanto, parte dos alunos também sofre com todo esse cenário de caos da educação brasileira. Hoje, estão desmotivados, desinteressados, desrespeitosos para com os professores, e a influência do fracasso escolar é alarmante. O que Monte-Serrat (2007, p. 21), vem chamar de “Círculo Vicioso”, onde, tanto a situação dos professores como a dos alunos se retroalimentam reciprocamente, gerando um círculo vicioso interminável e insuportável.

Segundo Monte-Serrat (2007) o professor precisa conquistar o aluno, utilizar a transmissão de conhecimento de forma positiva, a fim de envolvê-lo, motivá-lo com palavras de incentivo e expressões positivas, pois o grau de envolvimento afetivo e emocional do professor interfere positiva ou negativamente no processo de aprendizagem do aluno. Quão importante é que os professores tenham uma “auto-imagem” positiva! Isso pode fazer toda a diferença em sua atuação profissional. Para que isto ocorra, os professores precisam conhecer os conceitos de afeto, um dos conceitos mais relevantes é o do Dicionário de Filosofia Abbagnano (2007), conceitua Afeto da seguinte forma;

Entendem-se com esse termo, no uso comum, as emoções positivas que se referem a pessoas e que não têm o caráter dominante e totalitário da paixão. Enquanto as emoções podem referir-se tanto a pessoas quanto a coisas, fatos ou situações, os afetos constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais (entre pais e filhos, entre amigos, entre parentes), limitando-se à tonalidade indicada pelo adjetivo "afetuoso", e que, por isso, exclui o caráter exclusivista e dominante da paixão. Essa palavra designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc., que, no seu todo, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa "preocupa-se com" ou "cuida de" outra pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto. (ABBAGNANO. 2007, p. 32)

Aí, surgem as necessidades de ser compreendido ou ajudado nas dificuldades, essa é a responsabilidade do educador: aprender esse olhar e ter disponibilidade para utilizá-lo no contato com o aluno. Na educação infantil essa relação da afetividade e aprendizagem influenciará profundamente a forma como se dá o desenvolvimento cognitivo da criança.

Na escola em que visitei, fui surpreendido com a recepção que um dos professores teve chegando ao local, pois os alunos vieram-no abraçar, um gesto de afeto visivelmente

aparente para nós, ora, era um dos melhores professores, tinha uma didática muito interessante, instigava os alunos a pensarem na realidade onde vivem. Ou seja, o professor estuda o seu ambiente de trabalho, para que haja um melhor aproveitamento dos conteúdos a serem ensinados em sala de aula, e a afetividade está diretamente ligada a cada prática utilizada em sala de aula, seja de forma positiva ou negativa, seja de forma proposital ou não.

Não são todos os professores recebidos assim, isso é uma luz, é uma esperança que a educação ainda tem possibilidades de renascer novamente em meio ao caos, só a educação tem o poder de fazer as coisas ficarem diferentes, de trazer uma realidade nova para essas crianças, para a comunidade. No início do primeiro capítulo deste estudo descrevo a felicidade da professora responsável pela escola ao saber que ainda existem pesquisas para as escolas ribeirinhas e que um dia poderiam ser transformadas em realidades para a escola.

Contudo nessa relação entre a afetividade e a ação pedagógica não devemos descartar as experiências que as crianças já assimilaram anteriormente. Segundo Piaget (1996), a construção do conhecimento ocorre à medida que as crianças têm experiências. Essa construção se dá pela coordenação do conhecimento prévio com o novo (assimilação e acomodação).

Exemplificando o que diz Piaget, as crianças ribeirinhas do Município de Abaetetuba antes mesmo de irem a escola já tem um conhecimento prévio adquirido no ambiente familiar, muitas até mesmo já fazem pequenas compras ou pequenos trabalhos para ajudar as suas famílias. É esse conhecimento que deve ser trabalhado nas escolas, cada realidade é uma realidade, não podendo generalizar como se todas as regiões e localidades fossem iguais, pois, sabemos que são completamente diferentes.

Diante disso, a aprendizagem na educação infantil se dá num processo de construção singular da criança com o saber, transformando as informações em conhecimento, e vivenciando um prazer e alegria diante esse processo. Isso se dá com uma relação afetiva entre os envolvidos no processo definida de forma positiva. Ao adquirir cada vez maior competência cognitiva a criança vai sendo capaz de elaborar sua auto-estima com mais segurança em função dos seus próprios resultados e conquistas. Chalita(2001) ressalta que;

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência; trata-se de um processo continuado porque as coisas não mudam de uma hora para outra. E diferente de uma simples memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos, e o problema está resolvido. E diferente de um conceito em que o professor, detentor do saber, em sua bondade doa o conhecimento ao aluno, que decora esse conhecimento

decidido pelo professor. A emoção trabalha com a libertação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior, de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro, o que dá trabalho, demanda tempo e esforço, mas que significa o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade.(CHALITA, 2001. p.134)

Cazaux (1995) afirma que o professor deve estar ciente que, antes de ser um professor, ele é um educador, pois sua personalidade é norteadada por valores e princípios de vida, e consciente ou inconscientemente, explícita ou implicitamente ele veicula esses valores em sala de aula. Assim, ao interagir com cada aluno o professor não apenas transmite conhecimentos, em forma de informações, conceitos e ideias, mas também facilita a transmissão de valores e princípios de vida, contribuindo para a formação da personalidade do aluno.

Entende-se aqui que, a relação entre o professor e o aluno é muito mais ampla de que apenas transmissão de informações pré-concebidas por uma sociedade dominante. Na educação infantil essa relação da afetividade e aprendizagem influenciará profundamente a forma como se dá o desenvolvimento cognitivo da criança. Observa-se uma correlação positiva entre a ausência afetividade e a redução da aprendizagem, pois existe uma relação direta entre a afetividade e a ação pedagógica. Dando ênfase nessa questão Monte-Serrat usa como base o que diz Morin (2003);

Há uma estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção, o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. A capacidade de ter emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais. (MONTE-SERRAT. 2007, p. 39 apud MORIN. 2003)

Por outro lado, devemos entender que o afeto não é algo determinado geneticamente, mas é absorvido durante o processo de desenvolvimento da pessoa, além de tudo, o afeto é considerado como a base para as demais áreas do desenvolvimento cognitivo, pois perpassa por cada uma dessas áreas. O afeto e a educação são fundamentais para as nossas experiências de vida, experiências acadêmicas e profissionais.

Um dos aspectos do desenvolvimento que está chamando muito a atenção é o aspecto motor que é muito preocupante, pois é muito comparado com indisciplina, desatenção, agitação, a atenção é necessária no processo de ensino/aprendizagem, contudo por não saber como lidar com esse aspecto, os professores acabam por eliminar ao máximo os movimentos, já que não se sabe como lidar com ele em sala de aula. O professor deve se atentar muito aos

movimentos das crianças, pois, podem ser representações dos estados emocionais que devem ser observados em sala.

Almeida (1999. p. 91) contextualiza esse aspecto motor exemplificando da seguinte forma,

Na verdade, tanto o excesso de movimento quanto sua “ausência” podem levar a presença de uma determinada ação. É o caso da alegria, cuja manifestação expressa um escoamento de tónus e, conseqüentemente, um excesso de movimento. O medo, ao contrário, revela-se em alguns casos pela contração muscular e pela falta de movimento. Por isso, o professor deve também olhar para a “rigidez”. (ALMEIDA, 1999. p. 91)

Entretanto, o afeto é uma ponte importante na educação, para que a criança aprenda as habilidades necessárias no ensino. Entender a afetividade é saber que cada educando é único e precisa de um olhar diferenciado do seu professor. A escola preocupa-se principalmente em ensinar a ler e escrever, contudo, é preciso afeto, para formar pessoas capazes de ser cidadãos, o amor é uma força incentivadora. Monte-Serrat (2007, p. 71) complementa que,

Um olhar que não aceita a banalidade dos rótulos levemente aplicados (disléxico, hiperativo, preguiçoso, desatento, mal – educado, etc.), mas que reconhece a subjetividade de cada indivíduo na sala e procura oferecer a todos uma experiência de aprendizagem divertida e atraente, com abordagens variadas que, vencendo a rotina dos processos de ensino tradicionais, garantam um colorido emocional ao momento educativo. (Monte-Serrat, 2007. p. 71)

O professor precisa entender o seu aluno, cada um é diferente do outro, todos tem suas especificidades e cada um aprende de uma forma diferente, o professor por sua vez precisa oferecer em sala metodologias de ensino que atendam todos os alunos de forma igual. Quando o professor tem esse olhar humanizado, ele está efetivando a afetividade no processo de ensino/aprendizagem.

4.3. Educação Infantil

Por ser responsável pela oferta dos primeiros caminhos de formação e socialização da criança fora do círculo familiar, a Educação infantil acaba tornando-se a base da aprendizagem, que será responsável por oferecer as condições básicas e necessárias para que a criança sintam-se segura e protegida. O art. 22 da LDB (lei 9394/96) que diz: “A Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”.

A leitura do artigo 29 da Lei referida nos faz refletir na criança que formaremos, o artigo é bem claro quando sugere que, o professor da Educação Infantil precisa está apto a desenvolver as habilidades das crianças de forma integral, ou seja, não apenas no aspecto do cuidar, mas em toda sua amplitude, em todos os seus estágios, sempre observando o seu desenvolvimento por completo.

Entendemos que o professor precisa estar presente em todas as áreas da vida da criança, aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, essas atividades são apenas um complemento, ou seja, a educação de uma criança começa em casa, o professor nunca poderá substituir a figura do pai ou da mãe. O dever do professor é de acompanhar o desenvolvimento da criança no processo de ensino e aprendizagem.

A educação infantil é uma fase muito importante na vida do indivíduo, pois lhe permitira viver em conjunto com diversas outras pessoas, com diversas culturas, e essa realidade de culturas será de grande importância para o desenvolvimento dela.

A criança precisa sentir que está segura no ambiente escolar. Isso não é uma tarefa simples, essa confiança não será adquirida de uma hora para a outra é um processo longo, uma atividade diária, onde o professor necessitará de muitos planejamentos e estratégias para alcançar os objetivos das aulas. “As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio.” (RCNEI, 1998, p. 21).

Daí surge à importância que os professores da educação infantil planejem suas aulas, para que seus objetivos sejam atingidos. Precisa-se de seriedade no ensino/aprendizagem das crianças.

Para entendermos de planejamento, precisamos saber qual o conceito de planejamento. Segundo Libâneo (1994):

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar- objetivos, conteúdos, métodos estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos, entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. (LIBÂNEO, 1994, p.222)

É indiscutível a importância de planejar as aulas que o vai ministrar, quando defendemos que as crianças merecem uma educação de melhor qualidade, que devem ser respeitados seus direitos, o mínimo que o educador pode fazer é estar consciente quando entrar na sala de aula para ministrar o que pretende ensinar.

Contudo, a realidade que vemos em nossas escolas é preocupante, pois a equipe técnica, professores, diretores etc., se reúnem e tomam decisões documentadas em Atas e que são arquivadas, e fica por isso mesmo. No outro dia ou outro ano tudo se repete como antes, nada de diferente na escola. Menegolla e Sant’Anna (1991, p. 09) mostram “que essa parece ser a lamúria que perpassa na mente dos professores, já cansados de tanto planejamento e de poucas mudanças no ensino e na escola, e essa descrença se propaga de geração em geração”.

A leitura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é de grande importância porque dá embasamento ao trabalho do profissional da Educação Infantil. Conhecer os objetivos a serem alcançados nas faixas etárias de zero a três anos e quatro a seis anos, é o princípio para compreender o universo complexo das crianças. Podemos observar que os objetivos propostos veem as crianças como ser indeterminado, que precisa de desenvolvimento em diversas áreas, não se limitando apenas no cuidar e o brincar.

É importante se ressaltar que na segunda fase dos quatro aos seis anos, os objetivos a serem atingidos são apenas um aprofundamento do primeiro ciclo de zero a três anos. Dai surge à necessidade de o professor ter em mente que o trabalho na Educação Infantil se dê forma contínua, a criança a cada fase que avança é preciso aprofundar tudo que aprendeu anteriormente.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) os pontos que devem ser respeitados na Educação Infantil, são os seguintes:

Crianças de zero a três anos
Experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia;
Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
Interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene;
Brincar
relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais

profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.
--

Crianças de quatro a seis anos
<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
<ul style="list-style-type: none"> • Brincar;
<ul style="list-style-type: none"> • Adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando.

Fonte: RCNEI 2

Há uma grande necessidade de interação entre as crianças, o educador é muito importante no desenvolvimento da autonomia, pois sua intervenção é necessária para estimular as crianças. Criar em sala de aula um ambiente afetivo, onde a criança seja instigada a falar o que se passa com ela dentro do campo das emoções, para que o professor consiga ajudar da melhor forma possível. A esse respeito, Cazaux (1995 p.55) afirma que,

Cada classe constrói também um grupo social. Dentro desse grupo, que ocupa o espaço de uma sala de aula, a interação social se processa por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. É no contexto da sala, no convívio diário com o professor e com os colegas, que o aluno vai paulatinamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores. (CAZAUX, 1995, p.55)

O professor, na relação com o aluno, incentiva e o orienta para um esforço individual para aprender, além do mais como já foi dito, o professor se torna uma inspiração, um amigo, até mesmo quando o aluno não entender uma matéria por exemplo, se ele tiver uma relação boa com o professor isto facilitará a comunicação entre ambos, fazendo assim com que o professor saiba exatamente qual o problema e quais as possíveis soluções para a baixa de desempenho do aluno nas disciplinas. Cazaux (1995. p.57) afirma que o professor tem, basicamente, duas funções na relação com o aluno:

- Uma função incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento);

- Uma função orientadora, pois deve orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento.

O relato acima mostra duas funções importantes que em minha opinião deveriam ser adotadas por todos os Profissionais da Educação. Incentivar e orientar os alunos é fundamental pois, a troca de conhecimentos não pode ser forçada, apenas como transmissão de conhecimento por parte do professor, mas sim reconhecer que cada um dos alunos tem um conhecimento previamente adquirido que pode ser aprimorado.

Como já foi mencionado neste estudo, há uma boa relação dos alunos com a professora que os incentiva de forma positiva, quando o alunos erra alguma questão por exemplo, a professora fala “não precisa ficar triste, eu sei que você consegue, estude um pouco mais que com certeza vai acertar”. A boa relação dos alunos com essa professora é bonita de se ver. Entendo com isso que a relação de ensino/aprendizagem está diretamente ligada ao uso do afeto como base para esse processo educativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi muito prazeroso, pois permitiu reflexões e discussões muito importantes sobre a temática da afetividade como fundamento de aprendizagem. Como podemos ver a afetividade não está apenas em carinho, beijinho ou abraço, a construção do afeto é muito mais que isso, tanto que o estudo do afeto não se limitou apenas a psicologia, contudo ocorreu uma interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento científico para melhor compreensão dessa temática.

Entretanto a afetividade está visivelmente aparente nas relações interpessoais no ambiente escolar, esta pesquisa foi de suma importância pra melhor entendimento de como devo agir em sala de aula. Mesmo com todos os problemas já citados neste texto, percebo que é possível estabelecer uma boa relação entre o professor-aluno, entre a escola-comunidade e entre aluno-aluno.

Essa é a importância do estudo sobre os efeitos da afetividade no comportamento do professor e do aluno. Muitos estudos mostram apenas os efeitos do afeto no comportamento da criança, contudo, o professor também é um ser humano, que sente as mesmas emoções que qualquer pessoa. Precisamos entender que a rotina de um professor, passar um dia inteiro dentro de uma sala cheia de crianças e ainda ter que enfrentar problemas pessoais, não é tão fácil assim. Este é o motivo de minha pesquisa contemplar também a afetividade docente.

Compreendemos nos manuais de pedagogia, que a afetividade envolve um conjunto de emoções, sentimentos, e até mesmo mudanças em nossa própria subjetividade, ora a afetividade é do aluno, ora é do professor, então entendemos que a afetividade em sala de aula deve ser compreendida em sua totalidade, tanto do lado do professor, quanto do lado do aluno. Nos relatos descritos neste estudo retratam bem essa questão, pois contempla as visões de alunos, professores, cada um com suas particularidades.

Entretanto precisamos entender o afeto como troca de conhecimento que precisa ser recíproco, o professor repassa os conhecimentos científicos, mas também considera os conhecimentos prévios já obtidos pelas crianças. A Legislação Brasileira dá o embasamento legal para a melhor qualidade da educação infantil, contudo sabemos que nem sempre é assim a realidade nas escolas, quando se trata de uma escola das ilhas parece-me que as desigualdades educacionais são ainda maiores, a falta de acessibilidade, de recursos para que as salas de informática e biblioteca funcionem da maneira correta, além da parte estrutural da

escola, entre outros problemas aparentes. Sabemos que as condições da escola também influenciam na aprendizagem.

Contudo, pude perceber com este estudo que mesmo com todos os problemas ocorrentes na escola, alguns professores utilizam a afetividade como forma de incentivo para seus alunos, esses gestos afetivos trazem benefícios que as crianças levarão por toda a vida, os benefícios da afetividade em sala de aula são inúmeros, vale ressaltar alguns observados no estudo como: tolerância; amizade; respeito; gosto pelos estudos; boa relação entre professor e aluno; aprendizagem satisfatória.

Enfim, este estudo foi muito importante para minha formação enquanto pedagogo, pois me permitiu pesquisar um assunto que já me chamava a atenção desde o início do curso, pude perceber que todos os professores devem entender sobre a afetividade em sala de aula, entretanto é fundamental que os educadores da Educação Infantil dominem essa temática, pois os legados deixados nessa fase ficaram podem ficar para a vida toda dos alunos. Entender a importância da formação continuada, buscar novos conhecimentos, nos fará professores cada vez melhores e diferenciados em sala.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. 1901-1990. **Dicionário de Filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABRAMOWICZ, A. Wajskop, G. **Creches : Atividade para crianças de zero a seis anos**. São Paulo: Moderna, 1995.
- ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. – Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, L. R., MAHONEY, A. A. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ARROYO, M. G. **indagações sobre o currículo do ensino fundamental**. SEED-MEC, 2007.
- BRANDÃO, C. R.. **Paulo Freire educar para transformar**. São Paulo: mercado cultural fundação Banco do Brasil, IPF, instituto Paulo Freire Petrobras, 2005.
- Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001
- DAVIS, C. OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**.— São Paulo: Cortez. 1994. – 2 ed.
- FREITAS, L.C. **Escola viva; elementos para construção de uma educação da qualidade social**. Campinas: mercado de letras edições e livraria ltda.2004.
- <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/joomla/lei-de-acessibilidade-decreto-lei-5296>. Acessado em: 07/05/19
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13807.htm. Acessado em: 07/05/2019.
- LIBANELO, Jose Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez ,1998.
- LIBÂNELO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Licínio. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública**. São Paulo: Cortez, 2002

LIMA, M. S, PIMENTA, S. **Estágio e docência**: diferentes concepções. Poíesis Pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 25 out. 2006.

MEIRA, M, Pillotto, S. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica.- Porto Alegre: Mediação 2010.

MENEGOLLA, Maximiliano, SANT' ANNA, Ilza Martins. **Porque planejar? Como planejar?**. 1991, Editora Vozes Ltda. Petropolis, Rj.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTE-SERRAT, F. **Emoção, afeto e amor**: ingredientes do processoeducativo. – São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2007.

Os desafios da escola publica paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná,2014, disponível em www.diadiaeducaçao.pr.gov.br/portals, acesso em: 27 de mai.2017.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes : Petrópolis, 1996.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação**. Rio de Janeiro: Summus, 1988.

CAZAUX, R. C. **Curso de didática geral**. - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

ROMANOWISK,Joana P. **Formação e profissionalização docente**. 3 ed.rev. e atual – Curitiba: Ibpex, 2007.

VASCONCELLOS, Celso do S. **competência docente na perspectiva de Paulo Freire**. Revista de educação AEC, n.143, p66-78, abril-junho.2007.

VIEIRA, Eliza Reverso. **A reorganização do espaço da sala de educação infantil**: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural. -- Marília, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.